

# O CAPITÃO-MOR JOSE DE ALMEIDA LEME

cmp 2.2.3.350

Aluisio de Almeida

*Pseudônimo do Cônego  
deus costumes de Almeida*

Esse capitão-mór de Sorocaba, José de Almeida Leme, é um tipo muito interessante para o conhecimento de nossa sociedade colonial. Sua biografia pode ser feita aos poucos, nos restos de documentos que ainda nos sobram nos Arquivos Públicos de S. Paulo e do Rio (e até em Portugal) e também nos cartórios, quando seus serventurios, como um Pedro Coelho em Sorocaba, abrem-nos os seus maços por amor sómente da sua história. O que existe impresso na valiosa coleção dos Documentos Interessantes de nosso Arquivo paulista basta, aliás, para um esboço daquela curiosa personagem, sem exaurir, contudo, o assunto, de si tão vasto, e de tantas repercussões.

Ele foi um representante perfeito dos últimos paulistas que ainda sentiram nas suas veias o chamado misterioso para o povoamento, já agora, porém, sob as ordens e mais das vezes absurdas dos capitães-generais que desejaram ressuscitar à força o bandeirismo e roubar-lhe a glória.

Por isso, não admira que o capitão-mór não tenha ido diretamente ao Iguatemi, tendo para lá mandado tanta gente. Era como um chefe de Bandeira que de uma vez abandonasse o rancho do deserto pela casa grande de Sorocaba, sem sopitar de todo os seus instintos. Que reaparecem, quando corajosamente se interna pelas matas do Paranapanema, a ver a sua estrada de Sorocaba ao Paraná e rio Pardo de Mato Grosso.

É um bandeirante civilizado, que não preta índios nem cavouca as grupiarias de aimocafre em punho. Que não manda enforcar os companheiros nem mancha as suas mãos no azarrangue aos suditos. Tem mãos leves, secretaria, papel e tinta e redige com acerto as intermináveis ordens e cartas aos inferiores, ou as respostas ao nobre Morgado de Mateus e ao clumento Martim Lopes, seus dois chefes hierárquicos na capitania.

Quanto ao que hoje nos parece brutal e perdido no processo de enviar povoadores ao Iguatemi maldito, o capitão-mór Almeida Leme apenas obedecia à ordem existente, era homem da sua época. O só nome de capitão-mór já nos provoca uma sensação de desgosto, porque a história do absolutismo nos evoca perseguições, arbitrios e insensatez, quando é muito certo que eles eram como os delegados de policia de hoje e tinham os seus poderes limitados pelas leis e costumes, pelas Camaras Municipais (que os elegiam) e pelas próprias raízes, parentes e amigos de família no local de suas jurisdições. O que mais impedia a manifestação de caudilhos sanguinarios era, por certo, essa decantada mas real bondade brasileira, que sempre tem sabido temperar a justiça com a misericórdia, a ponto de parecer mole e desfibrada, quando é, apenas, cristianismo provindo bem do fundo da Idade Média cavalheiresca, de Portugal, feudo da Ordem de Cristo.

Ora bem. Se modernamente não podemos passar sem policia e, mesmo com ela, não se prevêem todos os crimes que seria daquela sociedade, informe ainda, sem a autoridade forte para conter no temor as três raças valentes e indomitas?

Os capitães-móres tinham, no meio de seus abusos que não negamos, estouta qualidade: exerciam algo como uma paternidade, protetora sobre a sua gente, auxiliando-a em suas necessidades, pacificando as querelas, civilizando-as, pois que passavam do estado de reis da floresta, depois — monarcas da coxilha, às praticas da cidade, com suas festas de Igreja, seus calções de seda ou pano mais pobre em vez das vestidas de couro, seus sapatos com fivelas de prata e pisando calças e assoalhos, em vez de espinhos agrestes.

José de Almeida Leme foi filho de um ilheu, da ilha de São Sebastião, Fernando de Almeida Leme e de Andressa Leite, que era Penteador e Lara, nomes que os seculos continuam a respeitar, quando o bandeirante vira paulistano da metropole ou fazendeiro de café.

Ilheu é modo de dizer, porque S. Sebastião está em frente do continente, é o mesmo granito da Serra do Mar que surge adiante

demais, e seus filhos mais de uma vez vieram cá acima, no planalto, a chamado do espirito aventureiro, irresistível. Já o bisavô de Almeida Leme fora capitão-mór sorocabano, era Tomé de Lara, que hospedava em sua casa, em remota villa do interior, personagens como Artur de Sá e Menezes, dinamico (ah! como a palavra decalul!) governador do Rio de Janeiro e repartição do Sul.

Em 1742 José de Almeida Leme, que andava pelos seus 25 anos de idade, casou-se com Maria Egípcia de Moura, filha de João de Moura Gavião e Meia Soares, é a gente piedosa da ermida de Nossa Senhora da Luz e valente, dos povoadores de Curitiba e Culabá. Silva Leme, em sua Genealogia Paulistana, arrolou os sete filhos desse casal. Coisa curiosa, muito da época: O primeiro e o ultimo são sacerdotes: o padre José de Almeida Leme, que ficou em Sorocaba e fechou os olhos aos pais, e o padre Pedro Domingues Pais Leme, que desde 1781 até 1812, ano de sua morte, foi vigário colado de Paranaguá.

Silva Leme não podia saber tudo. O sexto filho, que ele chama Luis Antonio de Almeida, assinou-se Leniz de Almeida Moura, e Teresa, sua filha unica e legitima, casou-se com Bento de Mascarenhas Camelo, que era de Pouso Alto, filho do ajudante Antonio Bernardo, e irmão de outros Mascarenhas, que em São Paulo e no Sul do Brasil deixaram ilustre descendencia. Não sabemos de descendencia desse casal, pois os dois Bento, mencionados em Silva Leme, são sobrinhos.

É incrível como os ramos da grande arvore paulista se espalham pelo centro e sul do País. É o instinto do sertanista que se ergue contra a inercia. Outrora iam buscar o seu remedio, os escravos selvagens, e talvez daí ficou entre o povo a expressão de remedios, para designar os quase ricos. Depois, salam pelo mundo. Salam por sair. O murmúrio dos riachos e o estrondar das cachoeiras, o cheiro acre da selva, as campanhas planas como um desafio e também alguma desgraça, isto é, um crime e uma fuga, foi tudo isso um pretexto para as grandes viagens. Os sacerdotes não escapavam. Pagavam esse tributo ao melo e ao tempo

Eis porque Padre Pedro Domingues, ordenado sacerdote em 27 de junho de 1772 por Dom Frei Manoel da Ressurreição, ali na Igreja de São Francisco, aceita a colação em Paranaguá, aliás, litoral paulista e não mais volta à villa do planalto, contentando-se por certo em horas de saudade com mirar longamente, frente à capela de Rocío, as aguas caladas da baía e, ao fundo, a enorme e solene muralha de granito, alem da qual estavam as matas de Apiaí, os campos de Sorocaba. O avô fora praiano. Ele voltava...

A vida de uma criatura humana interessa-nos vivamente.

Porém, às perguntas de que País ou provincia ou de que villa ou cidade, sucede logo outro: em que casa e rua morou José de Almeida Leme?

Aonde é que paravam os proprios do capitão-general e batiam com orgulho para entregar as letras de Sua Excelencia? A que portas paravam aqueles homens simples e roceiros, aqueles casais corajosos, a saber informes da proxima viagem ao Iguatemi? Donde saia essa meia duzia de sertanistas com os seus cargueiros, rumo do picadão para o rio Paraná?

Quando dois brigam, "tertilus gaudet". Nos cartorios há muitas dessas brigas antigas, questões de terras e heranças, e cujos contendores, levemente — oh! sim! levemente, não sabiam que nos ajudavam, mas benditos! — apresentavam velhos papéis e escrituras e até mesmo convocavam por testemunhas velhos septuagenarios, ainda não caducos, para contarem as coisas do tempo de menino.

Em 1824 uma curiosa comoção popular obrigou os vereadores sorocabanos a festejar o segundo aniversario da independencia, abrindo duas novas ruas em terrenos então particulares mas, desde 1728, pertencentes à Camara em nome dos moradores.

Recalcitravam os proprietarios, entre eles o Capitão Joaquim Ferreira Barbosa, o primeiro homem rico que prestava serviços na Legião Paulista no Uruguai, em 1812. E produziu documentos e justificações. E é curioso ver as anotações do rabula contrario, às margens do libelo, refletindo a eterna luta do fraco contra o forte. Desta vez o fraco foi protegido pelo governo provincial e pelo Imperador em pessoa. Dir-se-ia que os filhos e netos da misera gente que o Capitão-mór enviara para Iguatemi, alguns até mesmo nascidos e batizados naquele cabo do mundo, vinham desforrar-se, ao toque de rebate, exclamando: "Isto aqui é nosso!"

As terras eram o quintal imenso do Capitão-mór.

Ferreira Barbosa comprara-as de Francisco Luis de Oliveira e este, ao filho e viuva do Capitão-mór, em 1793. Sim, uma casa com quatro lanços e seus corredores para o quintal que descia abrupto até o riacho Tararé, e um terreno entre este riacho e o Tabacal, ambos afluentes do rio Sorocaba. Tudo isso em 1793 por 700 mil cruzeiros. Vieram depois as testemunhas, depondo que em 1824 a casa que fora do Capitão-mór ficava junto da de Joaquim Ferreira Barbosa e era a mesma do Tenente Joaquim Mariano de Oliveira. Tudo isso na rua da Ponte e, muito claro, indo pa-

ra cima. É exatamente a casa fronteira a muito conhecida casa de esquina que foi do Brigadeiro Tobias, e mais outra de baixo, ambas atualmente derrubadas, e ainda um sobrado, construido depois no lugar da casa do Tenente Mariano e também derrubado, tendo vivido só 90 anos, uma vida humana...

Qualquer quadro de Sorocaba antiga — e ha alguns no Museu Paulista graças à inteligencia zelosa de A. de Taunay, mostra a esquerda, subindo, uma linha de casas dando para o largo das Tropas.

E foi em 1761 que o Capitão-mór Almeida Leme, sabendo estarem sendo arrematados em Camara os terrenos em continuacão a seto quintal, ofereceu o foro anual de 430 réis e, após os três pregões, lhos adjudicaram. Isto á esquerda da villa, de quem chega de São Paulo; do outro lado da colina, pela mesma época, Salvador de Oliveira Leme, o Sarutalá, cobrador de impostos do Registro, também arrematou por pouco dinheiro outros terrenos que seu neto Americo Aires defenderia anos contra o povo, que em 1824 não só abriu outra rua, mas tapara os valos e derrubara os muros de talpa, oh! plebe insolente! Perdeu a causa.

Sabe-se assim que, desde 1728, quando os beneditinos, a quem Baltazar Fernandes doara esses terrenos, fizeram com o povo, sendo ouvidor o doutor Fonseca, uma composicão amigavel, a boa gente buscava agua nos riachos e tirava lenha gratis em suas margens, e isso, pasmal ó zombadores do passado! — em nome das Ordenações do Reino, que protegiam os humildes, ao menos neste caso...

Não pretendemos repetir a historia bem conhecida do Iguatemi, em que todos os paulistas e, pois, os sorocabanos sofreram. Não evocaremos os mortos nem as canoas-fantasma a rolar dentro da bruma no Tietê. Mas que povo grande jamais se formou sem sacrificios? Evoquemos quadros mais ternos: — Mãezinha, — perguntaria ainda depois da Independencia, alguma filha curiosa — onde é mesmo que vosmecê nasceu?

— Em Gatemim, minha filha!  
— E onde fica isso, "nha" mãe?  
— Acabou-se, não existe mais, minha filha, e terminava o curto dialogo com um largo "nome do Padre".

Temos coisa melhor do que o cemiterio dos Paulistas.

É a picada para a barranca do Paraná. Luis Antonio de Sousa Botelho Mourão estava louco, quando julgou possivel, naquela pobreza de S. Paulo, caminhar por terra para as nossas fronteiras sulinas. Mas estava em seu juizo, quando confiou a empresa a Almeida Leme. Ele, arrancando aos arguivos velhos roteiros, e este perguntando aos velhos as lembranças de seus avos, o Capitão-general e o Capitão-mór resolveram que a picada sairia dos campos de Sorocaba, atravessaria a mata na serra de Ibiticatu mas á esquerda, junto ao rio Paranapanema, por aí atingiria os Campos Novos e depois sempre á direita do grande rio, em plena mata, alcançaria a barranca fronteira ao rio Pardo.

Sabemos que outros escritores, baseados em outros documentos, só reconhecem um rumo: Piracicaba, direita do Tietê, Araraquara. Mesmo que Almeida Leme tivesse feito expedições pela direita do Tietê, fez esta pelos campos de Sorocaba e, pois á esquerda daquele e direita do Paranapanema. Os campos de Sorocaba acabavam nas fazendas de Guareí e Botucatu, dos Jesuitas, aquem da serra. É a direção da chamada alta Sorocabana e da estrada boiadeira Indiana.

Manuscrito precioso existente na Biblioteca Nacional diz expressamente que os Paulistas iam a Culabá pelo Tietê e pelo Paranapanema, mas, na volta, preferiam este ultimo, vindo, por um dos seus afluentes, (o Itapetininga ou o Guareí) sair "na fazenda do Padre Reitor do Colegio, que é a de Botucatu e daí entravam no caminho já trilhado, de Sorocaba e São Paulo. Ora, Almeida Leme seguiu as pegadas dos antigos, aliás de acordo com o Morgado de Mateus, que lhe lembrou isso, referindo-se ao caminho do Guareí.

Fale o proprio Almeida Leme, trecho de uma carta ao governador: "Da praça de Iguatemi se abriu caminho até o Ivinheima e daí ao Pardo, onde desemboca a picada que vai da villa de Sorocaba". E logo no dia 5 de novembro de 1771: "Saíram proxmamente sete pessoas da picada e me trouxeram novas por escrito que chegaram com ela a um rio chamado Aguapeí, que medela entre o Paranapanema e o Anhembi, e para mais abreviar fizeram os cabos canoas aí e foram rio abaixo a buscar o barranco, e daí á picada de Francisco Pais para comun'carem com a sua, a qual dizem não acharam impossivel algum, mas tudo capas de transportar animais por ter muito pasto, por ser tudo cerrado e faxinas".

E logo mais, comunicando que voltaram seus homens: da picada de Francisco Pais saíram rumo á que abriram no campo e continuando o caminho por campestres, cerrados, no mato muito taquari, atalharam três furnas em 15 dias".

E esta fase final que é um brado de jubilo e de honestidade: "é misterio vencerem dois homens humildes caminho que nunca os poderosos sertanistas franquearam". Dava a honra aos caboclos que as mereciam.

VI - 44

U Estados - 8 - VI - 1944